

Aida Ungier*

O corpo como palco e cenário**

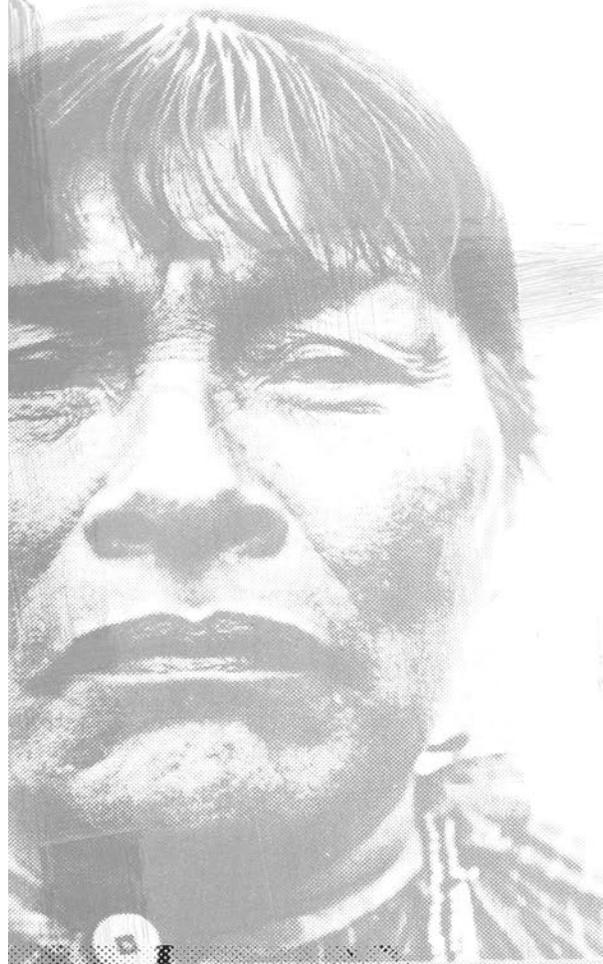
Os desafios da clínica nos obrigam a pensar a sociedade e suas transformações na tentativa de encontrar recursos para contemplar o sofrimento humano. Dentre tantos desafios, um deles prende a atenção em virtude da sua crescente presença em nosso universo: as transgerinidades. O fenômeno nos estimula a refletir sobre os paradigmas da sexualidade surgidos na esteira das novas lógicas sociais e dos avanços da tecnologia médica. Deparamo-nos com sujeitos que se sentem enganados pela natureza, pois o sexo que a anatomia lhes atribuiu não coincide com aquele que reconhecem como próprio.

Esse fenômeno não é novo, desde a mitologia grega, por exemplo, os deuses transitam livremente entre o masculino e o feminino. Do mesmo modo, no teatro shakespeariano os papéis femininos eram interpretados por homens jovens, cujas vozes não tinham adquirido o timbre grave dos adultos; o mesmo acontecia no teatro clássico japonês onde, até nossos dias, essa designação se mantém.

Seria exaustivo enumerar o rosário de manifestações socioculturais em que a diversidade de gênero é acolhida, porém no ocidente contemporâneo ela é tomada como perversão, como um desvio de caráter ou doença mental. E, nesse contexto, fora do meio artístico, aqueles que escapam do binarismo sexual radical são excluídos.

* Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

** Este texto é fruto das reflexões de um grupo de estudos formado por: Aida Ungier, Anna Maria Bittencourt, Cristina Cunha, Fátima Amin, Marcia Zucchi, Nanci Moura, Ruth Froimitchuk e Tereza Estarque.



SILVA, EMILIA DEL CAR-
N.º 5436, (a) “La Guagua”.
iliación: 20 años, 1.67, estatu-
no claro, cabelo castaño obs-
é obscuro.

Observamos que as configurações transgênero, embora integrem a nosologia psiquiátrica desde o século XIX, se tornaram mais frequentes a partir da militância gay que se seguiu ao movimento feminista do início do século XX. Intelectuais ligados a esses movimentos, dentre eles a filósofa Judith Butler (1990/2003), lutaram para promover uma afirmação dessas subjetividades, defendendo o direito que elas possuem de ser consideradas articuláveis à vida cultural. Butler, apoiada em Foucault, defendeu que o gênero não é produzido unicamente pela anatomia, mas também pelo ambiente. Inclusive, vai além dele ao afirmar que sendo o gênero um ato performativo que repete papéis socialmente estabelecidos não é o sexo que produz o gênero, senão, o gênero que define o sexo, sendo impossível separar a noção de gênero das inserções políticas, históricas e culturais que o produzem. Essas afirmações caminham na contramão das assertivas dos biólogos e embriologistas, para os quais a diferenciação de gênero é fruto da maturação biológica.

Trata-se de um tempo de reflexão, não existindo uma teoria globalizante que explique essas configurações. Os vieses a seguir são plurais e prenhes de seduções. Da biologia às ciências sociais encontramos argumentos valiosos, ainda que não concludentes por si só. No entanto, o texto freudiano (Freud, 1905 [1906]/1977a) permite outro olhar para a diversidade sexual ao afirmar que a bissexualidade e a sexualidade infantil polimorfa perversa são próprias do humano e constituíntes da subjetividade. Nesse sentido, Freud afirma também que o ego é antes de tudo um ego corporal, e que é a partir das demandas emitidas pelo corpo que o sujeito se constitui e pode expressar aquilo que não foi simbolizado por seu aparelho psíquico. E, mais ainda, com o conceito de pulsão, ele desnatura a sexualidade, desvincula-a da procriação e atrela-a ao prazer, ou seja, para um psicanalista não é de admirar que um sujeito possa entrar em desacordo com o seu sexo biológico. Resta, entretanto, pesquisar o caprichoso caminho tomado pela pulsão nessas produções singulares.

Não foram poucos aqueles que se debruçaram sobre essa perturbação. Robert Stoller (1975/1982) foi o primeiro psicanalista a estudar exaustivamente a questão de gênero. A

partir dos inúmeros casos atendidos em sua clínica formulou a hipótese de existir neles uma intensa identificação primária do menino com a mãe; favorecendo assim, uma relação fusional e impossibilitando a discriminação necessária para conquistar sua masculinidade. Quanto às meninas, a pesquisa não foi conclusiva.

Uma produção teórica vigorosa tem sido observada nas últimas décadas. Os autores em geral procuram ser cuidadosos para não escorregar na patologização. Afinal, trata-se de um sofrimento em que o sujeito reclama, com absoluta certeza, de que seu corpo é enganador, pois desenha uma cartografia que ele não reconhece. No entanto, esse descompasso entre o que é subjetivamente concebido e objetivamente percebido não configura um delírio, logo, a teoria que herdamos se revela incompetente para descrever tal organização psíquica. Possivelmente, na tentativa de salvar o texto hegemônico, alguns autores sublinharam a característica epidêmica desse fenômeno, aproximando-o das manifestações históricas.

Segundo eles (Coutinho Jorge e Travassos, abril/junho de 2017), a histeria atravessou os séculos transmutando sua aparência, mas sempre confrontando o discurso dominante. Na idade média, as mulheres acometidas de convulsões ou visões eram acusadas de bruxaria e condenadas à morte. A idade das luzes instalou na sociedade a racionalidade científica, de sorte que, frente aos mesmos sintomas, o diagnóstico era imputado não mais pelos religiosos, porém pelos médicos. Do mesmo modo, os sintomas de bruxaria tinham a peculiaridade de ser contagiosos e, por cuidado ou castigo, uma procriação de históricas foi enfiada em manicômios. Na atualidade, homens e mulheres *trans* são condenados à marginalidade.

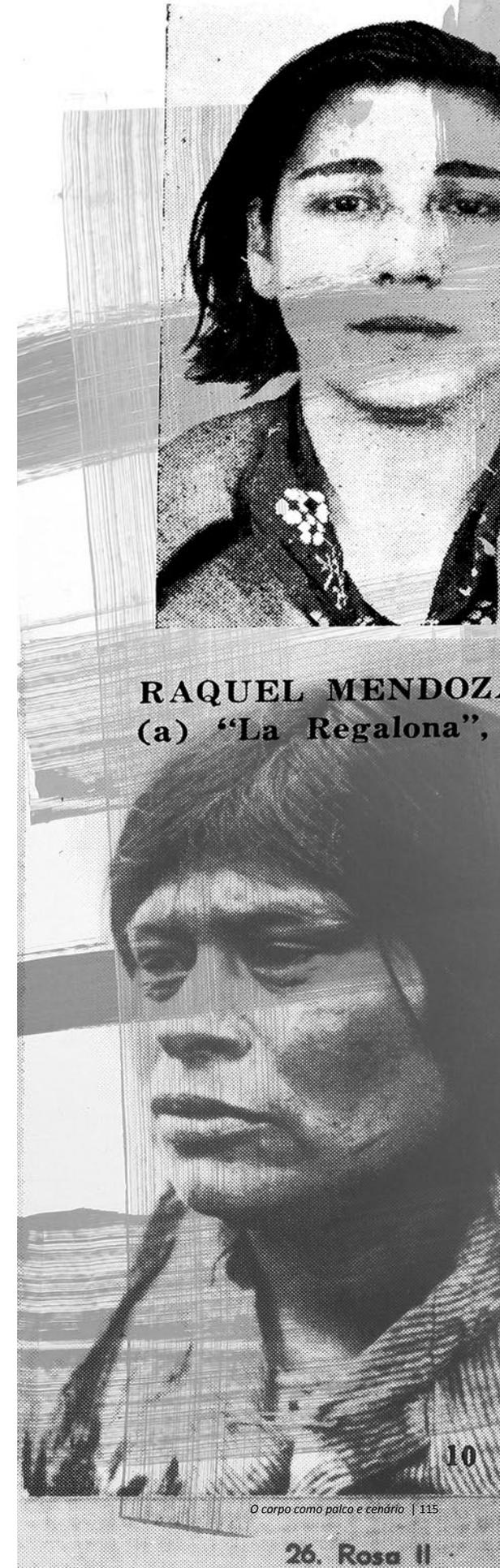
A espetacularização do assunto teve na mídia sua grande responsável. Trata-se de matéria frequente nos meios de comunicação, entretanto, o sofrimento desses sujeitos não é apenas uma questão de posicionamento social e sim de impossibilidade de habitar o próprio corpo. Essa dor me remete ao conceito winnicottiano de personalização (Winnicott, 1945/1978). Ao descrever o processo de subjetivação ele afirma a necessidade de um ambiente suficientemente bom, capaz de propiciar ao bebê a sensação de estar em uni-

dade com ele. Essa unidade permite a integração entre o corpo e a psique; de tal forma que o bebê se reconheça vivendo nesse corpo e possa olhar o outro como diferente dele. Não obstante, a insistência pulsional é fonte de agitação constante, tornando a integração problemática e promovendo as mais variadas vicissitudes na subjetivação. Arrisco supor que, dentre tantas, a impossibilidade de se reconhecer habitando seu corpo, como no fenômeno *trans*.

Finalmente, é importante lembrar que a luta permanente entre o já sabido sobre a dor do viver e as engenhosas produções da subjetividade constitui a base do edifício da psicanálise. Sendo assim, só nos resta ouvir o sofrimento em toda e qualquer experiência clínica, pois o legado de Freud nos demonstra que é o paciente quem nos ensina o idioma de sua dor.

Referências

- Butler, J. (2003). *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Trabalho original publicado em 1990).
- Coutinho Jorge, M. A. e Travassos, N. P. (2017, abril/junho). A epidemia transexual: Histeria na era da ciência e da globalização? *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 20(2).
- Freud, S. (1977a). Meus pontos de vista sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1906 [1905]).
- Freud, S. (1977b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Em J. Strachey (ed.), *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Stoller, R. (1982). *A experiência transexual*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1975).
- Winnicott, D. W. (1978). Desenvolvimento emocional primitivo. Em D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1945).



RAQUEL MENDOZA
(a) “La Regalona”,